

Escovar esteticamente a história a contrapelo: prólogo, dois atos e epílogo*

José Rodrigues**

Escovar esteticamente a história a contrapelo: prólogo, dois atos e epílogo

Resumo: O ensaio, em sua primeira parte, Introdução: escovar esteticamente a história a contrapelo, apresenta brevemente os crimes-desastres socioambientais transcorridos nas cidades mineiras de Itabira, Mariana e Brumadinho. Em seguida, é também brevemente debatido o problema da representação artística, no caso, dramaturgia, de processos sociais amplos, complexos – como os processos e os eventos socioambientais que se desenrolaram naquelas cidades, de 1942 até hoje. Na segunda parte do ensaio, é apresentado o prólogo, dois atos – *O cozinheiro e a professora* e *A assembleia* –, além do epílogo de uma peça-ensaio em 5 atos sobre os crimes-desastres socioambientais nas cidades mencionadas acima.

Palavras-chave: crimes-desastres socioambientais; representação dramatúrgica; teatro e sociedade; Bertolt Brecht, Carlos Drummond de Andrade; Walter Benjamin.

Aesthetically brushing history counter grain: prologue, two acts and epilogue

Abstract: The essay, in its first part, Introduction: aesthetically brushing history counter grain, briefly presents the socio-environmental crime-disasters occurred in the mining cities of Itabira, Mariana and Brumadinho, located in the Brazilian state of Minas Gerais. Next to this, the matter of artistic representation – specifically, dramaturgy – of broad, complex social processes is also briefly discussed, as well as the socio-environmental processes and events that have unfolded in those cities from 1942 to date. In the second part of the essay, it is presented the prologue, two acts – *The cooker and the teacher* and *The assembly* – and the epilogue of a five-act- play essay about socio-environmental crime-disasters in the aforementioned cities.

Keywords: socio-environmental crime-disasters; dramaturgical representation; theater and society; Bertolt Brecht; Carlos Drummond de Andrade; Walter Benjamin.

Introdução: escovar esteticamente a história a contrapelo

No final da tarde de 5 de novembro de 2015, a noite desabou sobre a localidade de Bento Rodrigues do município de Mariana (MG). Rompeu-se a barragem de rejeitos proveniente da mineração de ferro. A barragem de Fundão era (des)controlada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a “brasileira” Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton. O

* Este texto é um dos frutos do estágio de pós-doutoramento em Ciência da Literatura, realizado sob a supervisão de Priscila Matsunaga, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre março de 2024 e fevereiro de 2025.

** Professor da Faculdade de Educação da UFF. Membro do Niep-Marx.

rompimento da barragem de Fundão – 34 milhões de metros cúbicos – é considerado o desastre industrial que causou o maior impacto ambiental da história brasileira e levou a vida de 19 pessoas.

A lama altamente contaminada de diversas substâncias nocivas ao ambiente, isto é, à vida, chegou ao Rio Doce, cuja bacia hidrográfica abrange 230 municípios dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, muitos dos quais abastecia a sua população com a água do rio. A lama tóxica devastou por onde passou e atingiu o oceano Atlântico, na costa do Espírito Santo, em 22 de novembro, cerca de 700 quilômetros distantes da barragem. Os danos à flora e à fauna (inclusive a marinha) ainda não puderam ser avaliados devidamente. O Grande Avô, *Watu*, agoniza e com ele a Nação Krenak, que luta pela sobrevivência às suas margens.

Passados menos de quatro anos, em 25 de janeiro de 2019, por volta das 12h30min, se deu o rompimento de mais uma barragem de rejeitos, agora no município de Brumadinho, também em Minas Gerais. A barragem Mina Córrego do Feijão era diretamente (des)controlada pela Vale S.A. A vaga de rejeitos em lama foi da ordem de 60 milhões de metros cúbicos. Tecnicamente classificada como de “baixo risco” e “alto potencial de danos”, tirou a vida de, pelo menos, 272 pessoas. As buscas pelos despojos humanos seguem, até hoje.¹

Como uma Cassandra mineira, Carlos Drummond de Andrade, décadas antes, denunciara, por anos, a destruição ambiental de sua Itabira, do pico do Cauê e do Brasil, através de sua poesia, de suas crônicas, mas também pela sua atuação no Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN)². Tutu Caramujo, encerra o poema *Itabira*, cismado com a sua, a nossa, derrota incomparável, como o Anjo da História benjaminiano, como nos apontou José Miguel Wisnik (2018).

Fios invisíveis ligam Itabira, Mariana e Brumadinho aos ciclos do desenvolvimento destrutivo do capital internacional, à II Grande Guerra, à industrialização brasileira varguista ao hiperneoliberalismo atual. Os trens-monstro, cantados por Drummond, continuam a carrear além-mar o ferro e o ouro, o manganês e o cobre, a bauxita e o nióbio, que voltarão sob a forma de locomotivas e vagões, lama e lágrimas, desenvolvimento e catástrofe, mortes, chips e dividendos, desastres, baterias e consultoria, tragédia, crime, morte, impunidade e silêncio.

¹ Sobre estes crimes-catástrofes socioambientais, cf. SERRA (2018); ARBEX (2022); RAGAZZI (2019).

² Cf. WISNIK (2018; 2022), QUADROS (2022a; 2022b) SILVA (2022).

Marx havia dito que as revoluções são locomotiva da história mundial. Mas talvez as coisas se apresentem de maneira completamente diferente. É possível que as revoluções sejam o ato, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência. (Benjamin apud LÖWY, 2005, p. 94)

Os vivos (des)esperam o soar dos sinos de ferro e das sirenes elétricas.

Seria a dramaturgia, o teatro, hoje, capaz de representar processos sociais amplos, complexos – como os processos e os eventos socioambientais que se desenrolaram em Itabira, Mariana e Brumadinho, de 1942 até hoje – que incorporam, superam e transcendem os fenômenos locais e interpessoais?

A pergunta não é nova e as respostas são diversas e também, por vezes, antagônicas. Interessa-nos, neste ensaio e na dramaturgia que com ele emerge, seguir as indicações de Bertolt Brecht (1967, pp. 46-7) à pergunta.

Primeiramente, se impõe a necessidade de estudar o assunto, procurar apreender o complexo de relações do/no qual emerge o tema a ser representado. Um segundo aspecto, decorrente do primeiro, é que as novas áreas do assunto demandam, impõem mesmo, formas dramatúrgicas, senão novas, pelo menos, adequadas ao assunto. (Aliás, “é bom que os artistas não confiem muito na máxima: *tudo o que é novo é bem-vindo*.”³) A terceira indicação é que, diante de um mundo transformado pelo trabalho humano, com suas consequências, só será possível representá-lo se “for descrito como um mundo em transformação”:

Em uma época em que a ciência pode modificar de tal forma a natureza que o mundo já é quase habitável, o homem não pode mais descrever o homem como vítima, como objeto do meio ambiente desconhecido, porém determinado. (BRECHT, 1967, p.282)

Como é sabido, Bertolt Brecht dedicou a sua vida a construir “dramaturgias não-aristotélicas” e a correspondente forma de representação épica, a fim de enfrentar o desafio de representar o mundo contemporâneo e, portanto, superar o que se convencionou denominar de *drama burguês*.⁴ Mas, o próprio Brecht nos alerta que sua proposta não fornece qualquer garantia de bom resultado.⁵ Representar o mundo

³ Cf. BRECHT (1967, p.221).

⁴ Cf. SZONDI (2011; 2014).

⁵ Cf. BRECHT (1967, p.282).

contemporâneo em seus desastres e em seu processo de transformação segue sendo uma aventura dramatúrgica.

Exilado, Brecht redige, entre 1935 e 1938, a partir de notícias vindas daquele país onde o proletariado não podia falar, *Terror e miséria do Terceiro Reich* (BRECHT, 2005). Trata-se de um conjunto de 25 cenas, em sua maioria curtas, através das quais se procura mostrar – em perspectiva compósita – o que se passava na Alemanha nazista, em todos os setores da vida social, econômica, política, doméstica.

Esse breve e introdutório debate procura colocar o problema da representação, por um lado, e, por outro lado, o assunto a ser representado, no caso, os crimes-desastres socioambientais em Itabira, Mariana e Brumadinho.

Ora, só há uma maneira efetiva de enfrentar a pergunta: trabalhar para representar, no caso, através de uma dramaturgia-ensaio, os acontecimentos postos em tela. É precisamente isso que a leitora e o leitor eventuais deste texto encontrarão a seguir: um fragmento – o prólogo, os atos II e III, e o epílogo – de uma *peça-ensaio em 5 atos sobre os crimes-desastres socioambientais em Itabira, Mariana e Brumadinho*.⁶ Obviamente, ficará faltando o teste do palco, a palavra encarnada.

A peça, ora em construção, toma emprestada a estrutura dramatúrgica de *Terror e miséria*, mencionada acima, como um *quase-modelo*.⁷ Nesse sentido, a peça-ensaio foi/vem sendo composta de atos, cenas, que procuraram interpelar – em chave *épica sob perspectiva dialética*⁸ – os eventos socioambientais iniciados com a instalação da Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira, em 1942.

Os espaços da ação cênica são diversos entre si: um casebre em Itabira, as margens de um rio morto, um estúdio de gravação audiovisual, passando por uma assembleia popular de atingidos por barragens, uma reunião de diretores de uma grande companhia de mineração ou ainda um pátio escolar.

O tempo cênico, de maneira análoga, *grosso modo*, cobre desde o *prólogo itabirano* – quando da instalação Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira do Mato Dentro, de 1942 à destruição completa do pico do Cauê, na década de 1970; avançando e detendo-se mais longamente no *tempo-catástrofe*, 2015 e 2019, ou seja, os momentos em torno

⁶ Uma versão do ato V foi publicada em RODRIGUES (2022).

⁷ Cf. BRECHT (1967, p.224). Como indicado, *Terror e miséria* é tomada como um quase-modelo, mas há um diálogo com dramaturgias recentes como *Eu, Ota, rio de Hiroshima* (ALÈGRE, 2020), *O poder do sim* (HARE, 2019) e *Bonecas quebradas* (TOURINHO; MITKIEWICZ, 2016).

⁸ Para uma discussão sobre a noção, cf. BRECHT (1967, 1978), CARVALHO (2009), COSTA (2012) e ROSENFELD (2012).

dos respectivos rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho e suas consequências cotidianas, ambientais, econômicas.

Carlos é um espectro, anjo torto, o anjo da nossa história que, com a sua presença invisível, com poesia de Drummond de Andrade, pontua os eventos que se acumulam, articulando e interrompendo o fluxo da ação, conduz o público pelo inferno do desenvolvimento capitalista brasileiro.

Trata-se, pois, de historicizar dramaturgicamente o processo de desenvolvimento dos crimes-desastres socioambientais, ou seja, escovar esteticamente a história a contrapelo.

Um prólogo, dois atos e um epílogo de uma peça-ensaio em construção

Prólogo

Soa um sino, três vezes. Entra Carlos, descalço, veste calça escura e camisa branca de manga longa, e se dirige ao público.

CARLOS – Boa noite, boa noite. Agradeço a presença de cada um.

Nasci faz muito tempo, numa cidadezinha mineira, 90% ferro. O pai deu-me o nome Carlos. Naquela época sobrepesavam-me títulos, ouro, gado, fazenda e também uma pesada alma – 80% ferro –, que até hoje carrego. Tive ouro, tive gado, tive fazendas. Mas, a riqueza se foi, quando eu ainda era jovem. Fiz-me poeta, poeta para cantar o mundo presente, o tempo presente, suas tão grandes dores e pequenas alegrias. Fiz-me também um burocrata, zelando o poder. Sempre que me foi possível, esforcei-me para cuidar de pedra, cal e sítios mátrios.

Em ocasião triste como poucas, retornei para casa para me despedir de mamãe. Equilibrando-me, em um modestíssimo aparelho de voar, lá de cima, dentre nuvens e lágrimas secas, foi

Como se eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco
se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco;
a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava

e só de o ter pensado se carpia.⁹

Há desastres estrepitosos aos olhos de toda a gente. Há tragédias surdas cujas lágrimas são apenas provadas por quem as derramou.

Peço a vossa licença para vos contar uma história do meu tempo, enquanto este me havia, mas também deste vosso tempo. Daqui de onde lembro, todos os tempos me são contemporâneos, eventos, nomes e rostos estão aprisionados no mesmo visgo da memória... Toda história é pedaço de remorso.

Quando caminhava por aqui, pouco pude fazer, quase nada posso, agora. Mas, vos rogo que me acompanhem nessa viagem. Posso, ao menos, vos mostrar vultos do que aconteceu.

O mundo é grande, mas talvez caiba neste palco.

Carlos sai de cena.

Ato II – O cozinheiro e a professora

Carlos está fora de cena. A primeira parte da cena é composta de ações simultâneas e articuladas, em dois espaços distintos, desempenhadas por duas personagens – um/a Professor/a e um/a Cozinheiro/a, em salas de aulas ou estúdios para transmissão via internet, cada uma ministrando sua aula - de matemática e de culinária.

Em chave circense, muda, o/a Cozinheiro/a, chef-clown, prepara animadamente algo como um bolo. A mímica é o recurso interpretativo. No balcão estão uma grande tigela e potes com ingredientes culinários, na verdade, os elementos que compõem a lama tóxica proveniente de barragens de minério. De forma paulatina, na medida em que coloca o ingrediente na tigela, a personagem gira o pote, que revela o ingrediente ao público ingredientes.

1. Água H₂O (jarra transparente grande)
2. Argila (pote de maior dimensão - pó avermelhado)
3. Óxidos de ferro – Fe₂O₃ -Fe₃O₄ (granulado ou pó vermelho-amarronzado levemente brilhante)
4. Sílica – SiO₂ (grãos finos de cor branca, bege ou amarelada)
5. Metais pesados 1 – As - Pb – Cd – Cr (granulado ou pó em tom metálico)
6. Metais pesados 2 – Cr – Ni – Hg – Zn – Cu (granulado ou pó em tom metálico)
7. Hidróxido de sódio – NaOH (pó branco)
8. Diversos – As – Al – Mn – Na – K (granulado ou pó em tom metálico)
9. Matéria orgânica (folhas, gravetos, insetos...)

⁹ Adaptado de *A máquina do mundo*, de DRUMMOND DE ANDRADE (1988, pp.242-4).

Após terminar, a/o Cozinheira/o oferece a mistura ao público e ao/à professor/a, que a recusa com espanto e nojo. A/o Cozinheiro fica em cena, aguardando a aula de geometria terminar.

O/A professor/a de matemática, com quadro e jaleco, leciona geometria, cálculo de volume, unidade de capacidade: metro cúbico. A interpretação do/a professor/a é em chave realista. Um quadro de giz, branco ou mesmo um flip chart deve estar em cena (também é possível recorrer a um projetor com slides/data show).

PROFESSOR/A – Gente, hoje, vamos trabalhar a noção e o cálculo de volume, já que em nossa última aula fizemos vários exercícios de cálculo de área. Vocês se lembram, né? Então, naquela aula, utilizamos como padrão de cálculo de área um quadro de lado um. Digamos que o quadrado tivesse o lado de um metro. [Pega quatro varas de um metro e as une formando um quadrado.] Então, temos aqui, um quadrado de um metro de lado, o que significa que a área delimitada por esta figura geométrica plana é precisamente um metro quadrado [Escreve no quadro 1m^2]. Bem, vimos isso na última aula. Mas, e se a gente transformasse este quadrado em um cubo? [A partir do quadrado, vai montando o cubo com as demais varetas.] Virão? Montamos um cubo. É grande, né? Ora, assim como o quadrado de lado um metro define uma área de um metro quadrado, um cubo, cuja aresta mede um metro, define um volume de um metro cúbico [Escreve no quadro 1m^3]. Vejam este cubo. Isso é um metro cúbico. Bacana, né? [Olha para o/a Cozinheiro e aponta para a jarra. Este entende a solicitação e leva a jarra.] Se fosse possível enchê-lo de água, [simula derramar água no cubo.] caberiam nele exatamente mil litros [Escreve no quadro $1\text{m}^3 = 1\,000\text{ L}$] Com mil litros de água, esse cubo pesaria mil quilos, ou seja, uma tonelada [Escreve no quadro $1000\text{ kg} = 1\text{ t}$].

Agora, imaginem, se enchêssemos esse cubo, não com água, mas com aquela outra coisa? [Com gestos pede ao/a Cozinheiro/a lama.] Se enchêssemos o cubo com essa lama que o nosso [ou a nossa] colega cozinheiro[a] preparou aqui ao lado? [Simula jogar a lama no cubo.] Bem, certamente, pesaria muito, muito mais do que uma tonelada... sem falar que não dá pra beber, nem comer essa lama. [Devolve a jarra e a tigela ao/a Cozinheiro/a.]

Agora, imaginem um paredão da altura de um prédio de 35 andares, como a barragem que existia em Mariana, a barragem da Mina Córrego do Feijão. Imaginem ainda que tal paredão segurasse cerca de 60 milhões de metros cúbicos

[No quadro escreve 66 000 000 m³] da lama proveniente da mineração do ferro?

Bem, talvez fosse melhor, não ter imaginado, pois, afinal...

Carlos entra em cena e se dirige ao público. Ao mesmo tempo, o/a Professor/a retira o jaleco, a/o Cozinheira/o retira algum elemento que represente a função, como o avental ou o chapéu de chef. Ambos saem de seus respectivos locais e se aproximam de Carlos. Os/as atores/atrizes narram os fatos. Enquanto isso, são realizadas projeções nomes das vítimas em Mariana, nomes das vítimas de Brumadinho, fotografias dos locais atingidos¹⁰.

CARLOS – Às três e meia da tarde do dia 5 de novembro de 2015, a noite desabou sobre o distrito de Bento Rodrigues no município de Mariana, em nossa querida Minas Gerais. Rompeu-se a barragem de rejeitos proveniente da mineração de ferro. A barragem de Fundão era controlada, ou seria mais preciso dizer, descontrolada?, pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a “brasileira” Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton. O rompimento da barragem de Fundão é considerado o desastre industrial que causou o maior impacto ambiental da história brasileira e o maior do mundo envolvendo barragens de rejeitos, com um volume total despejado em torno de 44 milhões de metros cúbicos.

Ator/atriz que interpreta COZINHEIRO/A – A lama altamente contaminada de diversas substâncias nocivas ao ambiente, à vida, chegou ao Rio Doce, cuja bacia hidrográfica abrange 230 municípios dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, muitos dos quais abasteciam a população com a água do Doce. A lama tóxica devastou por onde passou e atingiu o oceano Atlântico, na costa do Espírito Santo, em 22 de novembro, cerca de 700 quilômetros distantes da barragem. Dezenove pessoas perderam a vida instantaneamente na enxurrada de lama tóxica. Os danos à flora e à fauna, inclusive aos seres marinhos, ainda não puderam ser avaliados devidamente. O Grande Avô, Watu, agoniza e com ele a Nação Krenak, que luta pela sobrevivência às suas margens.

CARLOS – Passados menos de quatro anos, em 25 de janeiro de 2019, o inimaginável novamente aconteceu. Por volta do meio-dia e meia, deu-se o rompimento de mais uma barragem de rejeitos, agora no município de Brumadinho, também em nossa Minas Gerais. A barragem era agora diretamente controlada, controlada?,

¹⁰ Os nomes das vítimas encontram-se em anexo.

pela Vale. Vale, aquela mesma que nascera, Vale do Rio Doce, em minha Itabira do Mato Dentro, nos idos de 1942.

Atriz/ator que interpreta PROFESSOR/A – A barragem da Mina Córrego do Feijão era tecnicamente classificada, por uma consultoria internacional, como de “baixo risco” e de “alto potencial de danos”. 60 milhões de metros cúbicos de lama tóxica tiraram a vida de, pelo menos, 272 pessoas. As buscas pelos despojos humanos seguem, até hoje.

Retiram-se de cena as/os atrizes/atores que representaram o/a Professor/a e a/o Cozinheira/o

CARLOS – “Existe um quadro de Paul Klee intitulado *Angelus Novus*. Neste quadro, está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo no que ele crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado, onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. O anjo bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual das costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade.”¹¹

Ato III – A Assembleia¹²

*A cena é localizada em um ginásio esportivo. Um grupo de pessoas se encontra na entrada distribuindo panfletos e conversando com os que chegam. No interior, há cadeiras de plástico enfileiradas, um pequeno tablado sobre o qual uma pequena mesa de apoio com uma jarra de água e um copo. Ao fundo, uma tela sobre a qual está projetada o letrero **Nova Morada, o futuro presente. Reparando vidas.***

CARLOS – [Ao público.] Hoje é domingo, o dia está ensolarado. Estamos em um ginásio

¹¹ Walter Benjamin, Tese IX, Sobre o conceito de história, In: LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. (Trad.: Wanda Nogueira, Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller). São Paulo: Boitempo, 2005, p.87.

¹² Inspirada na cena inédita *A farsa da reparação*, de Julia Maykot, a quem registro o meu agradecimento pela permissão deste ponto de partida para a elaboração de *A Assembleia*.

esportivo em um município mineiro. Poderia ser Mariana ou Brumadinho, mas também tantos outros lugares, País afora, como Canoas, Friburgo, São Sebastião ou Altamira. Vejam, o povo está chegando, como sempre, de forma ordeira, para tomar uma decisão. Notem a apreensão em seus passos.

Do lado de fora do ginásio. As pessoas entram no ginásio, alguns em silêncio, outros conversando baixo entre si.

MANIFESTANTE 1 – [distribuindo panfletos] ‘Dia, ‘dia. Leia o panfleto. Votem contra a proposta da Fundação.

ANÔNIMO 1 – [recusando o panfleto] Não. Vou votar a favor do acordo. Me deixa passar.

MANIFESTANTE 2 – Não acredite nas mentiras da empresa. Lembre dos mortos, daqueles que perderam tudo. Lembre dos mortos que ainda estão debaixo da lama.

ANÔNIMO 02 – ‘Tarde. Obrigado. Vou votar com vocês. Pode contar comigo.

MANIFESTANTE 1 – Venha pra associação. Juntos somos fortes.

ANÔNIMO 02 – Vou pensar. Tem telefone aqui nesse papel?

MANIFESTANTE 1 – Sim, tem. Me liga, aparece lá. Vamos conversar depois desta reunião.

MANIFESTANTE 2 – ‘Dia, pessoal. Vem pra associação, venha com a gente reconstruir a nossa vila.

No interior do ginásio.

ASSISTENTE – [Recebe o público, distribuindo um prospecto, tentando ignorar os manifestantes.] Bom dia. Olá, bom dia. Como vai? Bom dia. Sente-se, por favor, já vamos começar. Há café, água e sanduíches para todos.

PEREIRA – ‘Dia, Seu José, ‘dia, Dona Maria.

JOSÉ – ‘Dia, Seu Pereira.

PEREIRA – O que o senhor tá achando da proposta da Fundação, seu José?

JOSÉ – Ah, o senhor concorda com essa proposta da Fundação, né, num é boa demais?

PEREIRA – Num sei, não, Seu José... O que a senhora acha, Dona Maria?

JOSÉ – Vamos ter casa de novo e voltar a ser vizinhos. Num acha bom demais?

PEREIRA – Me disseram que não podemos escolher a casa, nem o lote do assentamento.

JOSÉ – Será mesmo, seu Pereira?

MARIA – Eu li o papel, José, e te contei.

PEREIRA – Parece que vão sortear..., tá no papel que entregaram. Num é, Dona Maria.

Éramos vizinhos há tanto tempo, num sei se será assim no novo assentamento.

MARIA – Os meninos cresceram... [a voz embarga].

JOSÉ – Nem tudo na vida é como gente quer. Deus sabe o que faz, Maria.

MARIA – Diacho, Zé. Eu nasci aqui, escapamos nós dois da lama, mas perdemos tudo, mais que tudo... E agora, tanto tempo depois, isso?, para ser arrastada para deus lá sabe onde e sabe como? [Com a voz embargada:] Sem o meu Zezinho...

Entra o EXECUTIVO, se dirige ao tablado, faz um sinal para a ASSISTENTE, que vai até ele lhe passa o microfone.

EXECUTIVO – Bom [microfonia]. Bom dia [microfonia]. Bom dia a todos. Estou muito feliz de poder estar finalmente aqui com vocês para trazer boas notícias sobre o futuro de nossa cidade. Há males que vêm para o bem, já diziam os meus sábios e saudosos avós, mineiros de Divinópolis... Bem, como dizia, estou aqui para trazer boas, excelentes notícias. Após muito trabalho duro e de ouvir toda a comunidade, nossos arquitetos e engenheiros concluíram o projeto conceitual *Nova Morada, o futuro presente, reparando vidas.*

MARIA – Vai começar o show de mentiras.

JOSÉ – Vamos escutar o homem, Maria.

EXECUTIVO – Por favor, Eugênia, os slides...

Na tela, além da logomarca – Nova  Morada, o futuro presente. Reparando vidas –, vão sucedendo, em looping, imagens computadorizadas de um projeto urbanístico, de casas padronizadas, praças, posto de saúde etc. A ASSISTENTE aplaude com forçado entusiasmo. Alguns dos presentes aplaudem sem qualquer entusiasmo.

EXECUTIVO – Os nossos técnicos fizeram um belíssimo trabalho, mas sem a colaboração de vocês, nada disso seria possível. Temos aqui um exemplo modelar de como pode ser o futuro de Minas e do Brasil. A iniciativa privada de mãos dadas com o povo, rumo a um brilhante futuro de paz e progresso. [Pigarreia. Pede com gestos água à ASSISTENTE, que lhe serve.] Eis o verdadeiro [engasga, tosse. Para si mesmo.] Esse pó. [Retoma o discurso.] Eis... o verdadeiro protagonismo social.

PEREIRA – Ora veja, protagonismo social... Palavrório sem cartório.

EXECUTIVO – Uma parceria de meses, finalmente, deu frutos. A Fundação está extremamente orgulhosa do serviço que está prestando... [a amplificação do som é interrompida]. Eugênia, o que aconteceu com este microfone? [Fala baixo e

rispidamente à ASSISTENTE.] Me dê outro.

ASSISTENTE – Doutor, o meu nome não é Eugênia. Vou providenciar.

PEREIRA – Seu José, a Fundação conversou com o senhor?

MARIA – Não mesmo, só entregaram uns papéis.

JOSÉ – Mandaram um convite pra gente ir lá no escritório...

MARIA – Não fomos. O convite não dizia pra que era. Veio escrito “assunto de seu interesse”. Meu interesse, pois sim.

JOSÉ – Ah, Maria, Deus sabe o que faz.

A Assistente retorna com o microfone e o entrega ao Executivo.

EXECUTIVO – Som, som. Está bom. Obrigado, Eugênia. Como estava dizendo, após anos de muito trabalho, dedicação de nossos arquitetos e engenheiros, finalmente, estamos aqui para tomar uma decisão muito importante para vocês, amigos. Chegou a hora de aprovarmos o projeto ***Nova Morada, o futuro presente, reparando vidas!***

Um alvoroço surdo corre na plateia.

EXECUTIVO – Para organizar melhor a votação, Eugênia vai...

ASSISTENTE – Eu não me chamo Eugênia.

EXECUTIVO – Irá distribuir estes cartões para a votação, um cartão para cada família. Cada família, um voto.

A assistente mostra ao público os crachás com logomarca da Fundação.

EXECUTIVO – Quem estiver de acordo com a proposta da Fundação, basta levantar o cartão. Alerto que se a maioria for contra a nossa proposta, a empresa não irá construir a nova vila e cada família deverá ir à justiça. E vocês sabem como justiça no Brasil é demorada.

A assistente distribui os cartões entre os presentes, sob o olhar de Carlos.

PEREIRA – E põe lenta nisso, né Dona Maria?

MARIA – Justiça que tarda, falha.

EUZITA – [Dirigindo-se à pessoa a sua frente.] Jonas, como está a sua mãe, ela não pôde vir?

JONAS – Mamãe passou mal esta noite. Sentiu um afrontamento no peito, teve um ataque de tosse, falta de ar, ficou com a vista preta, tonteou. Quase caiu. Não caiu por graça de Nossa Senhora do Rosário e porque eu estava lá para amparar ela, Dona Euzita.

EUZITA – Amém. Ela está em casa descansando?

JONAS – Levei ela ao pronto-socorro e vim correndo pra cá. Ela passou a noite e ainda está lá. Os médicos não sabem bem o que ela tem. Disseram umas coisas lá, mas eu não entendi tudo, não. Uma doutora disse que é psicológico. Mas, a enfermeira, sabe a Dona Marta?, me disse que poderia ser algo na água. A senhora sabe que a água tá suja, né, dessas coisas que derramaram da barragem...

EUZITA – Veio de um tudo naquela lama...

JONAS – A Dona Marta também disse que pode ser coisa de coração. Só Deus, Dona Euzita. Se a depender da companhia...

EUZITA – Vamos fazer uma novena pra ela, Jonas.

JONAS – Obrigado, Dona Euzita, mamãe vai ficar contente.

EUZITA – Jonas, você viu a mãe do Cauê, por aqui?

JONAS – Não, senhora. Acho que ela não veio. Está muito triste, dizem que ela tá com depressão. A senhora sabe, tem gente que não aceita essa situação de receber essa ajuda da empresa. Dizem que ela está tirando os nossos empregos e enricando...

EUZITA – Ave Maria, *ora pro nobis*.

A cena principal fica congelada. Carlos sai da cena principal e se coloca ao lado desta entre cena observando-a.

Entrecena – pé-de-lama

Crianças brincam em um pátio escolar. Longe delas, Cauê, de cócoras, finge se distrair fazendo desenhos no chão. Tem ao seu lado uma bola.

CARLOS – [Ao público:] Este corajoso menino, Cauê, cuja alma é 80% ferro, deseja apenas voltar a brincar como toda e qualquer criança.

O menino para de desenhar. Hesitante, pega a bola, se levanta e dá uns passos em direção à roda de crianças. As demais crianças percebem o movimento e a intenção.

CRIANÇA 01– Olha ele, parece que quer vir aqui.

CRIANÇA 02 – É. Será que tem coragem?

CRIANÇA 01 – Nem pensar. Não vamos deixar coisa nenhuma.

CRIANÇA 02 – Nunquinha.

CRIANÇA 03 – Por que não? Tá faltando um na brincadeira. Vou chamar ele.

CRIANÇA 01– Vou te dar uma bordoadada. Fica quieto.

CRIANÇA 03 – Mas...

CRIANÇA 02 – É, fica quieto, senão vai você embora também.

Cauê levanta a cabeça, pega a bola e vai em direção ao grupo.

CARLOS – [Ao público:] É mesmo corajoso o Cauê.

CRIANÇA 03 – Ele tá vindo com a bola.

CRIANÇA 01– Não quero saber desse filho da mãe brincando com a gente.

CRIANÇA 02 – A minha mãe já me disse “fica longe desses pé-de-lama”.

CAUÊ – Oi. Vamos jogar bola?

CRIANÇA 03 – [Para Cauê:] Oi. [Para as demais crianças:] Com quatro fica bom. E ele tem uma bola novinha...

CRIANÇA 01– [Ao Cauê:] Quem te chamou pra vir brincar com a gente, seu intrometido?

CAUÊ – Eu só queria voltar a brincar com vocês.

CRIANÇA 02 – Ninguém quer brincar de bola, nem de nada, com você.

CRIANÇA 01– Você sabe quem pagou essa bola pra você?

CRIANÇA 02 – É, você sabe?

CAUÊ – Sei sim, uai, minha mãe comprou pra mim.

CRIANÇA 01 – Sua mãe comprou com o dinheiro da mineradora!

CRIANÇA 03 – Gente, o Cauê só quer brincar. Vamos jogar bola.

CRIANÇA 01 – Que Cauê coisa nenhuma... Meu pai tá debaixo da lama e você aqui com essa bola novinha, com esse tênis limpinho, tudo comprado com o dinheiro sujo que tua mãe aceitou da empresa.

CAUÊ – Eu também perdi meu pai e minha irmã...

CRIANÇA 02 – É, todo mundo perdeu alguém na lama.

CRIANÇA 01 – Mas a mãe dele pegou o dinheiro da empresa, aquela puta.

CAUÊ – Minha mãe não é puta.

CRIANÇA 01– Ela não trabalha, mas tem dinheiro para comprar as suas coisas.

CRIANÇA 03 – Não fala assim com ele...

CRIANÇA 02 – Ele tá muito triste e só quer brincar.

CRIANÇA 01 – Ela é puta, puta, puta–de–lama. E você é um filho da puta pé–de–lama também.

A criança 01 sai de cena com raiva. As demais crianças se olham. Carlos olha para elas. A cena termina. Carlos retorna à cena principal.

A projeção retorna.

EXECUTIVO – Todos com os seus cartões? Podemos votar?

A projeção se interrompe.

PEREIRA – Seu José, o senhor que vai votar sim, gostou do que empresa vai dar para o

senhor? Não vamos poder ter nossa horta, nem quintal grande para criar nossos bichos. Vale o que o senhor perdeu?

JOSÉ – Num vale, Seu Pereira. Não compensa a vida do meu menino, nem tudo que foi soterrado pela lama. Minha horta, meus bichos. A casa do meu pai, onde eu nasci e me fiz homem. Pra gente que é de classe pobre, que não tinha nada, quase nada, mas era o que Deus deu para a gente ser feliz.

PEREIRA – E agora, Seu José?

JOSÉ – Agora, a gente faz de conta que vai voltar a ser feliz.

PEREIRA – E mesmo assim o senhor vai votar sim e assinar os papel da companhia? Por que não entrou na associação?

JOSÉ – Eu pensei bem pensando, Seu Pereira. Quero muito que a associação vença, que o doutor juiz mande a empresa nos compensar, mesmo que a vida de nós não tenha preço. Mas, já tô velho. 62 anos é muito. A Maria tá cheia de reumatismo. Precisamos de uma casa, pra já, pra anteontem. Amanhã, é tempo longe e arriscado. Sei lá, a justiça no Brasil é muito demorada. E, eu que não tive estudo, o senhor sabe, penso aqui com os meus botões, que justiça que demora não é justa. E só demora pra nós. Se a maioria de nós votar sim, eu poderei ter um teto e um chão... [abaixa os olhos] Justiça? Nossa Senhora, *ora pro nobis*.

EXECUTIVO – Povo de Minas, vamos votar agora. A minha assistente irá registrar os votos. [Para a Assistente.] Dona Eugênia, por favor, registre os votos. [Aos votantes.] Atenção. Por favor, silêncio. O futuro dessa comunidade está em jogo. Todos já receberam o projeto e estão conscientes de suas responsabilidades diante do futuro desta comunidade.

Cochichos e vozerio entre os presentes.

EXECUTIVO – Por favor, a família que for a favor do projeto de reassentamento da comunidade elaborado pela Fundação, inclusive, abrindo mão de demandas judiciais específicas e conexas ao evento, levante o cartão, por favor. Dona Eugênia...

José levanta trêmulo o braço com cartão.

MARIA – [Em voz terna, para o marido.] Zé, nossa filha...

José lentamente abaixa o braço. O casal se abraça e chora em silêncio.

A maioria dos presentes levanta a placa em concordância com a proposta.

EXECUTIVO – [Eufórico.] Pela quase unanimidade, a comunidade aprovou o projeto conceitual urbanístico da Nova Morada. Parabéns para a Fundação, uma salva

de palmas a esta comunidade. [O executivo aplaude entusiasticamente.]
Parabéns ao governo de Minas, ao governo federal e à justiça brasileira que vêm
nos apoiando nessas necessárias ações em prol do povo dessa terra abençoada.
Palmas, por favor, palmas.

Os atingidos que votaram sim aplaudem protocolarmente. A assistente permanece com os olhos na prancheta onde registrava o resultado da deliberação.

CARLOS – [Para si:] A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa
e a máquina do mundo, repelida,
se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.¹³

EXECUTIVO – [Para a Assistente.] Os contratos.

ASSISTENTE – [Aos presentes na reunião.] Senhoras e senhores, por favor, se dirijam
aos nossos colaboradores para firmarem os respectivos contratos.

EXECUTIVO – [Aos presentes na reunião.] Aqueles que hoje não puderam vir, têm 24
horas para assinar o acordo e terem os seus benefícios. Em menos de 120 dias,
já poderão estar providenciando a mudança para a Nova Morada. Obrigado.

Silêncio. As pessoas lentamente se levantam e se dirigem à mesa onde se encontram os documentos e os funcionários da Fundação. Jonas se coloca à parte, e espera por Pereira, que estava falando com José e Maria.

JONAS [A Pereira.] – Você convenceu o Seu José?

PEREIRA – Você não notou? Ele acabou votando com a gente. Acho que ele não vai
assinar mesmo. Ele aceitou conversar mais tarde. Vamos nos encontrar no boteco
do Carlinhos. Acho que a dona Maria, que está mais pro lado da gente,
convenceu ele. Ela pensa muito na filha, que deus a tenha, e como vai ser a vida
dela com a neta pra criar. Vai você lá também.

JONAS – Vou passar na associação e depois encontro vocês. É melhor você começar a
conversa sozinho com o Seu José e a Dona Maria.

Epílogo

CARLOS [ao público] – O maior trem do mundo

¹³ *A máquina do mundo*, In: CDA: poesia e prosa, p.242ss.

Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
Leva minha terra
Para o Japão
O maior trem do mundo
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
Engatadas geminadas desembestadas
Leva meu tempo, minha infância, minha vida
Triturada em 163 vagões de minério e destruição
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano
Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais.¹⁴

Agradeço-vos por me terem acompanhado nessa viagem, narrada deste belvedere da ruína. Quando caminhava por aqui, quase nada pude fazer diante destes escombros que se amontoam e que, vistos daqui, formam uma única catástrofe. Não consigo despertar os mortos, sou apenas capaz de vos contar desta catástrofe, desta tempestade chamada progresso.

A peça termina aqui, a vida, lá fora, segue implacável e a locomotiva do desenvolvimento arrasta celeremente a humanidade para o abismo. Eu vos peço com insistência: puxem o freio de emergência, agora.

Referências

ALÈGRE, Jean-Paul. Eu, Ota, rio de Hiroshima: o dia que virou noite. São Paulo: Temporal, 2020.

BRECHT, Bertolt. Teatro dialético. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹⁴ O maior trem do mundo, de Carlos Drummond de Andrade.

------. Estudos sobre teatro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

------. Terror e miséria do Terceiro Reich. In: Idem. Teatro completo em 12 volumes. (2ª ed.). v.5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

CARVALHO, Sérgio de. Introdução ao teatro dialético: experimentos da Companhia do Latão: São Paulo: Expressão Popular: 2009.

COSTA, Iná Camargo. Nem uma lágrima: teatro épico em perspectiva dialética. São Paulo: Expressão Popular/Nanquim, 2012.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

RODRIGUES, José. Sonho de menina. In: MIRANDA, Kênia; RODRIGUES, José. (orgs.). Cultura contra a barbárie. São Paulo: Usina Editorial, 2022.

HARE, David. O poder do sim: um dramaturgo procura entender a crise financeira. São Paulo: Temporal, 2019.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

QUADROS, Mariana. IPHAN. In: FERRAZ, Eucanaã; COSENTINO, Bruno (orgs.). Dicionário Drummond. São Paulo: IMS, 2022a.

------. Ruína. In: FERRAZ, Eucanaã; COSENTINO, Bruno (orgs.). Dicionário Drummond. São Paulo: IMS, 2022b.

RAGAZZI, Lucas; ROCHA, Murilo. Brumadinho: a engenharia de um crime. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ROSA, Ângela Maria Vaz Sampaio. Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O Cometa Itabirano. Belo Horizonte: PUC-MG, 2000. (Dissertação de mestrado).

ROSENFELD, Anatol. Brecht e o teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SERRA, Cristina. Tragédia em Mariana: a história do maior desastre ambiental do Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Felipe Cabañas da. Itabira. In: Eucanaã FERRAZ; Bruno COSENTINO (orgs.). Dicionário Drummond. São Paulo: IMS, 2022

SZONDI, Peter. Teoria do drama burguês (século XVIII). 2ª. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

------. Teoria do drama moderno (1880-1950). 2ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

TOURINHO, Ligia; MITKIEWICZ, Luciana (orgs.). Bonecas quebradas: ensaios de um processo criativo em teatro documental. Rio de Janeiro: Azougue, 2016.

WISNIK, José Miguel. A maquinação do mundo: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

-----, Mineração. In: FERRAZ, Eucanaã; COSENTINO, Bruno (orgs.). Dicionário Drummond. São Paulo: IMS, 2022.